



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5828 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

### ROTINAS CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS COM O IDEÁRIO TÍPICO ALEMÃO BLUMENAUENSE

Maite Daiana Bassani Waltrick - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

Julice Dias - UDESC - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

### **ROTINAS CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS COM O IDEÁRIO TÍPICO ALEMÃO BLUMENAUENSE**

O *locus* de investigação desta pesquisa se volta para as crianças enquanto indivíduos sociais, partícipes de uma rede de interações (ELIAS, 1990) que produzem e reproduzem culturas. Por sua vez, as ramificações culturais são tecidas coletivamente, vividas nas diferentes configurações sociais, imersas na rede de sentidos e significados de um grupo, que podem ser compartilhados ou alterados ao longo do processo histórico. Este estudo tem o intuito de compreender o que pensam e como vivem as crianças na relação com a cidade de Blumenau, cujo ideário social é uma imagem fortemente aprisionada em torno de um cidadão típico alemão blumenauense.

Ao propor uma discussão sobre as vivências culturais das crianças, estamos reconhecendo neste estudo que as relações culturais são permeadas pelo contexto urbano e social onde se estruturam as redes de interações. As redes de sentidos produzidas e reproduzidas pelas crianças, não são inócuas, constituem-se no alinhavo dos atravessamentos da vida cotidiana.

São em redes de interações que o *eu – nós* expressa entre si modulações de comportamentos e emoções, códigos de conduta, modos de ser, pensar e agir, que estabelecem um *modus vivendi*.

Compreendendo a sociedade como estrutura, composta por uma rede de indivíduos numa permanente dependência funcional é que investigar os elos entre cidade, família, instituição de Educação Infantil e professoras são centrais neste estudo, para se compreender como se produz uma rede de significados dos modos de ser alemão em Blumenau, estrutura social que desde a sua fundação como Colônia vem operando para legitimar as dimensões do povo ordeiro, trabalhador, honesto, economicamente estruturado, moralmente superior.

É em torno desse ideário construído nas relações de interdependência, na *relação de uns em função dos outros*. (ELIAS, 1994, p.22) que cidade, famílias, instituição de Educação Infantil, adotam códigos de conduta inerentes ao *habitus* germânico, em que operam modos de sentir, agir, pensar. Por meio destas relações produzem ideais, de como organizar sua

moradia, cultivar seu quintal, comportar-se no trabalho, lugares a frequentar, como se relacionar com pessoas de “fora”.

A cidade de Blumenau, fundada em 1850 por imigrantes alemães, conserva um forte investimento na memória histórica da cidade, com a exaltação da germanidade, homoneigização da cultura alemã por meio da indústria do turismo e da publicidade. O que este estudo referencia como ideário típico alemão blumenauense envolve o *habitus*, aqui compreendido como dimensões afetivas, sociais, modos de pensar e agir (ELIAS, 1994).

Para tanto, esta pesquisa utiliza de abordagem etnográfica, adotando técnicas de geração de dados como registros em diários de campo, em vídeos, além de entrevistas e observações diretas em contextos familiares e culturais da cidade. O objeto de estudo se fixa na compreensão de como as crianças de três e quatro anos se apropriam do ideário de um típico blumenauense, ou seja, da reprodução e produção da cultura alemã, construído historicamente, desde a instalação da Colônia Blumenau. Interroga o que as envolve ou as distancia deste ideário típico blumenauense? Quais suas experiências na instituição de Educação Infantil que traduzem o *modus operandi* típico blumenauense? O que as crianças têm a nos dizer? O que pensam? Como agem? Como se sentem frente a este ideário germânico? Como se traduzem as rotinas culturais na família e na instituição de educação infantil?

Para responder a estas questões e ao objetivo geral do estudo, tomamos como campo de pesquisa uma unidade educativa de Educação Infantil da Rede pública municipal de Blumenau e quatro famílias de crianças de três e quatro anos matriculadas na referida instituição. Tomamos ainda como amostra do estudo as professoras referência da turma onde estão matriculadas estas crianças. Os critérios para seleção das crianças e suas famílias foram a faixa etária entre três e quatro anos, residentes no bairro onde está sediada a Unidade Educativa, tomando como referência de seleção duas das famílias serem naturalmente blumenauenses e descendentes de alemães e duas famílias advindas de outras regiões do Brasil. Trata-se, portanto, de um estudo configuracional, entre cidade, famílias, crianças, instituição de Educação Infantil e professoras.

Após a aprovação do Comitê de Ética, tomamos como decisão manter por sigilo o nome dos sujeitos participantes desta pesquisa, bem como sinalizado pelos estudos de Kramer (2002), configurando situações de constrangimento. Para tanto, identificaremos as crianças, seus familiares e as professoras com nomes fictícios.

A perspectiva analítica deste estudo está amparada em Corsaro (2011), nomeadamente no que toca aos conceitos de reprodução interpretativa e rotinas culturais. Em Elias (1994, 1997, 2000) acerca das configurações sociais – teias de interdependências, *habitus* e *kultur*. Também em Seyferth (1981), a partir dos conceitos de identidade étnica. Em Goffmann (2014) para compreensão das representações estabelecidas pelos indivíduos no cotidiano.

Ao longo da história da cidade, encontramos relações específicas de poder, disseminadas pelo fundador da Colônia, por imigrantes bem-sucedidos, pela imprensa, pela escola, pelas associações e clubes de grupos coesos, planos políticos, que propagaram sentidos em torno de um cidadão idealizado, mantidos por códigos de condutas e modelos de pensar, agir e sentir, relacionados ao *habitus* germânico. O poder aqui tratado na perspectiva conceitual de Elias (1994), como expressão que designa ampla oportunidade social de influenciar a autorregulação de outras pessoas.

No decorrer da pesquisa identificamos que os discursos veiculados pela elite empresarial, gestão municipal e pela mídia blumenauense, permanecem com o mesmo ideário do fundador da Colônia, que objetivava engendrar a cidade como Alemanha no Sul do Brasil.

As redes de interdependência na estrutura simbólica de conformação e modulação dos indivíduos nos modos de ser, agir, pensar como alemães blumenauenses têm uma aproximação histórica decorrente do próprio processo de colonização, que buscavam demarcar sua identidade étnica com o uso cotidiano da língua alemã, hábitos alimentares, formas de sociabilidade, organização do espaço doméstico, comportamentos religiosos, comemorações festivas, sociedades de tiro, sociedades escolares (SEYFERTH, 1981).

O pertencimento à terra de origem estava demarcado pela dualidade entre nacionalidade e cidadania. A nacionalidade trazia consigo seus elementos fundamentais constitutivos da germanidade, por outro lado, a cidadania representava as relações políticas e econômicas com a nova pátria. A cidadania estava associada ao trabalho, uma vez que “servir a pátria” era engrandecê-la por força e disciplina do trabalho.

Destarte, o ideário amplamente demarcado pela imprensa blumenauense nos séculos XIX e XX, são discursos que enobrecem a superioridade do trabalho e o pioneirismo “alemão”, com critérios que desqualificam a “mão-de-obra” brasileira. Tais atributos, por assim dizer, eram tratados como inatos, atribuídos à raça.

Adentrar a essas comunidades de sentidos, permitiu compreender as simbologias constitutivas do ideário típico alemão blumenauense. Compreendemos a comunidade de sentido como conjunto de valores e crenças simbólicas as quais se entrecruzam no dia a dia do indivíduo, orientando suas formas de pensar, agir, sentir, pensar, ou seja, seu *habitus*. No período nacionalizador (1937-1945), o ideário de “alemão” blumenauense sofre remodelações, mantendo alguns hábitos e costumes e descartando outros. O uso da língua alemã, desde então, vem deixando de ser um hábito constitutivo do cotidiano.

Entretanto, na contemporaneidade, a cidade com diversas camadas populacionais, multiculturais, retoma a origem de seus colonizadores, demarcando espaços, lugares de memórias, micro eventos, que enaltecem os identificadores culturais atrelados à cultura alemã, como se esses fossem comuns a todos.

Tal forma de resgatar o passado, pressupõe a manipulação da manutenção dos valores sociais, do pertencimento de uma cidade amplamente divulgada como: “Blumenau – Alemanha sem passaporte” (*slogan*, 2014), Blumenau - o Brasil de alma alemã (*slogan*, 2015). Assim como, a *Oktoberfest*, festa idealizada na ascensão econômica e turística da cidade, após a enchente de 1983, divulgadora do ideário do poder de soerguimento do seu povo pelo trabalho e pioneirismo, na reconstrução da cidade. A festa enaltece a cultura alemã, pela via dos desfiles, danças folclóricas, músicas, pratos típicos, vestimentas e espaços dos Clubes de Caça e Tiro. Notadamente, o trabalho e o pioneirismo são tratados como heranças culturais de seus antepassados, o que repetidamente coloca o *nós* em contraposição aos *outros*.

Utilizando o referencial de Goffmann (2014), partimos do suposto que o cenário urbano que foi se constituindo na cidade, assim como os discursos em torno dela, são uma *fachada*. A propósito de uma conceituação, “Fachada é o equipamento expressivo do tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMANN, 2014, p.34)

Os dados gerados até o momento apontaram que para as crianças cuja descendência é alemã, o *habitus* germânico está mais presente em suas rotinas culturais. As famílias mantêm o idioma alemão, participam de micro eventos de tradições germânicas e demonstram preocupações com a chegada de outros indivíduos no município, pois estes podem colocar em risco a *manutenção da cultura alemã*. O *ethos* do trabalho está presente na rotina cultural das crianças, e é incorporado como atividades rotineiras e prazerosas. Atividades que as crianças

desempenham com destreza, como debulhar o milho, moer o milho, tratar a galinha, recolher os ovos, tratar o porco, tratar a vaca, constituem no dia a dia doméstico uma dimensão educativa, onde os adultos ensinam as crianças seus ofícios.

Em uma das visitas domiciliares, Paulo (2020) me perguntou:

“- Ei! Cadê suas botas? Como vamos ajudar o *opa* (avô em alemão) se você não trouxe as botas?”

Nessa interrogativa, observamos a preocupação de Paulo quanto aos meus sapatos que não estavam adequados ao trabalho. Eu estava participando de sua rotina cultural, e como tal não estava preparada para realização das tarefas diárias.

O trabalho também aparece nas suas brincadeiras na instituição de Educação Infantil: “Zum...Zum... Estou roçando! Agora não posso parar!” (PAULO,2019).

Desde a fundação da Colônia Blumenau, o lar e a escola exerciam funções centrais na consolidação dos valores do povo alemão. Era no núcleo familiar que as crianças aprendiam o idioma alemão, e os costumes morais, bem como o significado valorativo do trabalho.

A pesquisa ainda está em andamento, contudo, os dados têm revelado que o *habitus* germânico está presente nas rotinas culturais das crianças, vivenciado de uma maneira mais explícita nas famílias de descendentes de alemães. Na instituição de Educação Infantil, ele não aparece nos planejamentos das professoras, ele permeia algumas interações entre professoras-crianças, crianças-crianças e crianças-espacos

**PALAVRAS-CHAVE:** Rotinas Culturais. Redes de Interdependência. Habitus. Blumenau.

## REFERÊNCIAS

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2014. 273 p.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240 p.